



REFORMA – O CRISTIANISMO E O MUNDO 1500-2000

REFORMATION: CHRISTIANITY AND THE WORLD 1500-2000

Wilson Reginaldo Cardoso

Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie; doutorando em Protestantismo e Laicismo na Sorbonne.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek.
Reforma: O cristianismo e o mundo 1500-2000. Tradução
Celina Cavalcante Falck. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Em todo âmbito acadêmico, os estudiosos da história sabem das dificuldades de se ser fiel aos acontecimentos sem perder, ou deixar de mencionar, os detalhes mais relevantes do recorte histórico que se pretende apresentar. Assim como nas demais áreas do saber humano, o estudo da história é repleto de nuances que dificultam o trabalho, tornando a busca das fontes uma verdadeira aventura para o pesquisador que deseja apresentar um trabalho de sério. No que diz respeito à religião cristã, desde suas origens na tradição judaica até os dias atuais, geralmente nos são apresentados trabalhos que acentuam a importância da observação histórica e de todo o seu processo evolutivo.

Dentre todos os acontecimentos importantes na trajetória do cristianismo, a Reforma Protestante, do século XVI, merece atenção especial. Felipe Fernandez-Armesto e Derek Wilson – o primeiro de origem confessional católica, o segundo protestante – apresentam, numa demonstração de maturidade acadêmica, deixando de lado as diferenças que os separavam, a Reforma de maneira completa, detalhada e equilibrada, pondo de lado certas interpretações mais comuns, como a assepsia histórica, o catolicismo conservador e o protestantismo apaixonado.

Conforme a assepsia histórica, ignora-se que a Reforma foi também uma revolução social e cultural, originada num

cisma que provocou grandes transformações políticas e econômicas a partir da Europa. Segundo o catolicismo conservador, predomina a visão de que a Reforma foi um ato de rebeldia, causada por um herege. Para o protestantismo apaixonado, a Reforma seria o rompimento dos grilhões imposto pelo despotismo dos papas.

A tarefa idealizada por Felipe Fernandez-Armesto e Derek Wilson foi, sem dúvida alguma, realizada com êxito no livro *Reforma – o cristianismo e o mundo 1500-2000*, conforme veremos a seguir.

Em “Os Fragmentos da Cruz”, os autores tratam das divisões modernas e dos prejuízos advindos dessas divisões no contexto da diversidade cristã, que vai desde os aspectos das igrejas orientais, ocidentais, passando pela cristandade latina medieval dos valdenses até a diversidade de doutrinas e emoções que não constituem apenas uma característica cumulativa, mas também original documentada a partir das escrituras sagradas. Os autores trazem assim à reflexão uma reforma que não introduziu as inovações comumente atribuídas a ela, isto é, a Reforma não rachou uma igreja monolítica; não introduziu heresias inéditas, as quais derivaram de tradições vindas de longa data.

Assim sendo, a Reforma deve ser pensada apenas como *Mundus Transit*, “um período de transição” ou como trânsito de situação. No entanto suas reverberações, por todas as mudanças e desafios, constituíram o grande tema unificador da história cristã nos tempos modernos, segundo os autores (p. 12).

Em “À Espera de uma Resposta”, Fernandez-Armesto e Wilson levantam os pressupostos do cristianismo como sistema baseado na questão da autoridade. O homem da época da Reforma, conforme os autores, estivesse ele do lado católico ou protestante, aceitava a existência de Deus e a idéia de que Ele era a origem de toda verdade – a qual era, portanto, objetiva.

Nesse período, as publicações anônimas foram consideradas ilegais por vários decretos promulgados por autoridades eclesíásticas e seculares. Listas de obras proibidas foram divulgadas, gerando o primeiro *index librorum prohibitorum*, em 1559. Contudo, havia espaço para especulação. A verdade era algo muito mais profundo do que um mero conjunto de

proposições que podiam ser verificadas pela observação e pela experimentação.

Para Lutero, por exemplo, a verdade maior era a palavra de Deus. Ele estava bem longe de ser o primeiro ou o último a querer ver todo o seu intento ressoando de acordo com a dinâmica da palavra de Deus escrita.

Sem dúvida alguma foi a Bíblia que inspirou os grandes movimentos de reforma monástica dos séculos XI e XII, e todas as renovações, locais ou generalizadas, foram ligadas de alguma forma ao interesse de renovação gerado pelas Escrituras. Os autores apontam, neste período, três fontes da verdade – a Igreja, a Bíblia e a Revelação Direta (mística). Quanto aos místicos, os autores apresentam Santa Tereza D'Ávila e São João da Cruz – esses ensinavam que o misticismo era o caminho para Deus.

Quase todos estavam sujeitos a inquisições periódicas, porém o misticismo integrava o cristianismo ativo que os propagandistas voltados para o Evangelho tentavam promover entre as pessoas comuns. Os autores afirmam que há três tipos de misticismo: de contemplação, meditação e afetivo. Os protestantes, pelo menos no início da história de suas igrejas, não precisaram do misticismo como os católicos necessitaram: a Bíblia era a ligação direta com Deus; com o passar do tempo, porém, o protestantismo tornou-se muito rico, especialmente no misticismo afetivo.

Para Felipe Fernandez-Armesto e Derek Wilson, o individualismo/subjetivismo são como parentes próximos do pietismo. Spener criou um sistema de educação proporcionada pelo Estado que girava em torno do ensinamento pietista sobre conversão e do cultivo da vida interior. Cornelius Jansen (1585-1638), holandês católico que se indignou diante da restauração do escolasticismo e da nova dialética jesuíta que alimentava certo conflito religioso, propôs que a experiência, não o intelecto, era a chave para a fé salvadora. Blaise Pascal dizia que o intelectualismo era positivamente perigoso, pois havia enorme distância entre conhecer Deus e amá-lo.

Da mesma forma que nos capítulos anteriores, em “Heresia: e daí?” os autores levantam os pressupostos do cristianismo como sistema baseado na fé. Não se esquecendo das artes, como pintura e música, não nos são apresentadas as peculiaridades da tradição católica, codificadas na decoração e nos

projetos arquitetônicos, nos quais, dentre muitos exemplos, encontra-se a capela do Hospital da Caridad, em Sevilha. O santuário da capela é dominado por um retábulo melancólico e glorioso do sepultamento de Cristo, e a nave é decorada com santos que prefiguravam os deveres dos irmãos. Depois do escândalo de numerosas secessões na Igreja no século XVI, protestantes e católicos definiram suas respectivas posições com relação uns aos outros e em distinção uns dos outros.

Conforme os autores, as questões doutrinárias amenizaram-se, em parte, porque são difíceis de entender. O jesuíta Louis Coudret foi a Genebra, em missão, no ano de 1559, surpreendeu-se ao constatar que

cada artesão de Genebra atreve-se a falar sobre predestinação e ficou impressionado com o nível razoável de debate que os cidadãos conseguiam manter com ele nas ruas.

Desde a mais antiga época documentada de celebração de cultos cristãos, o rito eucarístico é o seu ponto central. A antiguidade da eucaristia, portanto, não está em questão, mas sim o seu significado. Durante a Idade Média, o foco do debate foi colocado na curiosa transformação química divina, pela qual o pão se transformava em carne e o vinho em sangue – a “famosa” transubstanciação.

Os autores dessa obra, no entanto, nos chamam a atenção para a atualidade em que tantos assuntos teológicos antes interessantes agora são definidos pela dissecação acadêmica ou pelo fundamentalismo. Tornaram-se sem brilho e perderam seu encanto popular, dessa forma os debates teológicos só conseguem causar impacto agredindo o público com o malho da apostasia ou com a proposta de um monasticismo psicológico. Para os autores de *Reforma – O Cristianismo e o Mundo 1500-2000*, esses artifícios grosseiros são facilmente reconhecidos como formas de chamar a atenção, e o debate popular acerca deles raramente ultrapassa os limites da intransigência.

No capítulo “Um Presente Embrulhado”, Felipe Fernandez-Armesto e Derek Wilson indicam o movimento do século XVIII que, pelo renascimento da religião, reuniu as diferentes linhas de composição de hinos na Inglaterra. Em 1819, o reverendo Thomas Cotterel, novo vigário de St. Paul’s Sheffield,

apresentou sua própria compilação (uma seleção de salmos e hinos) à sua congregação, que posteriormente foi rejeitada. Assim, essa obra retrata, de maneira especial e cuidadosamente sintetizada, o desenvolvimento dos acontecimentos pré-reformistas, da Reforma propriamente dita e da Contra-Reforma.

Os conteúdos de cada capítulo são autoconvergentes e fluem para a corrente central do livro, que visa conduzir o leitor a enxergar a história cristã de uma forma não convencional.

De leitura fácil, agradável e empolgante, *Reforma – O Cristianismo e o Mundo 1500-2000* é indispensável tanto para os que buscam entender um pouco mais sobre o tema como para os que desejam apenas um bom entretenimento.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE

A avaliação de artigos entregues à *Revista Ciências da Religião* inclui sua adequação às seguintes normas:

1. Apresentação

Os textos devem ter no mínimo 10 e no máximo 30 páginas compostas por 25 linhas de 75 toques com entrelinha 1,5. Devem ser entregues uma cópia impressa e uma em disquete, idênticas, no editor de textos Word for Windows, versão 6.0 ou mais recente, fonte *Times New Roman*, corpo 12, alinhamento justificado e espaçamento duplo entrelinhas. Após a entrega para avaliação não serão aceitas novas correções por parte do autor.

2. Seqüência da apresentação

- a) título do trabalho;
- b) nome do(s) autor(es), seguido de asterisco, remetendo à nota de rodapé em que constem titulação, função e instituição a que se vincula(m), além de dados para contato: telefone, endereço e *e-mail*;
- c) resumo e palavras-chave;
- d) *abstract* e *keywords*;
- e) texto em conformidade com o item 1;
- f) relação das referências bibliográficas utilizadas.

3. Referências bibliográficas

A relação de referências deverá ser apresentada em ordem alfabética, conforme normas da ABNT NBR 6023, sistema alfabético autor-data para artigos. Quando o autor de resenhas fizer menção a outro autor que não o da obra analisada, é necessário acrescentar as informações completas (cidade, editora, data de publicação) entre parênteses.

Exemplos:

- Livros no todo:
ECO, Umberto. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

- Partes de livros (capítulos):

STENDAHL, Krister. Quis et unde? An analysis of Matthew 1-2. In: STANTON, Graham N. (Ed.). *The interpretation of Matthew*. 2. ed. Edinburgh: T & T Clark, 1995. p. 69-80.

- Artigos de periódicos:

GOMES, Antônio M. O protestantismo presbiteriano e o ideal de progresso: o Mackenzie College e a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano XIV, n. 18, p. 145-172, jun. 2000.

4. Notas de rodapé

As notas de rodapé devem resumir-se a notas explicativas, e somente em casos em que sua inserção no texto causará uma interrupção muito grande na leitura. Jamais inserir referências bibliográficas em notas de rodapé.

5. Citações com até três linhas

Citações com até três linhas serão incluídas no texto, entre aspas, no próprio parágrafo que faz referência ao autor em questão, com sua identificação entre parênteses (AUTOR, ano da publicação, página).

Exemplos:

- Com referência anterior à citação:

Segundo Moscovici (1978, p. 5), “Foi Durkheim o primeiro a propor a expressão ‘representação coletiva’”.

- Com referência posterior à citação:

O catolicismo, com seu forte elemento monástico, representava para Gibbon “a forma socialmente mais demolidora da religião” (HILL, 1976, p. 42).

6. Citações com mais de três linhas

Citações com mais de três linhas terão destaque, sendo recuadas em 1,0 cm, com espaçamento simples e fonte tamanho 10, sem aspas, seguidas da respectiva fonte, conforme o padrão descrito no item 5. As supressões de texto são indicadas com colchetes.

Exemplos:

- Com referência anterior à citação:
Segundo Estés (1997, p. 131),

Às vezes, com o objetivo de aproximar uma mulher da natureza da vida-morte-vida, eu lhe peço que cuide de um jardim. [...] O jardim é um vínculo concreto com a vida e a morte. Seria mesmo possível dizer que existe uma religião dos jardins, pois eles nos ensinam profundas lições espirituais e psicológicas. Qualquer coisa que possa acontecer a um jardim pode acontecer à alma e à psique – excesso de água, falta de água, pragas, calor, tempestades, enchentes, invasões, milagres, ressecamento, reverdecimento, bênçãos, cura.

- Com referência posterior à citação:
Outra maneira de induzir o leitor a uma compreensão correta das personagens é por meio do recurso de “contar” ou “mostrar”.

Ao mostrar (também chamado de “método dramático”), o autor meramente apresenta suas personagens falando e agindo e deixa que o leitor infira quais são as motivações e disposições que estão por trás do que dizem e fazem. Ao contar, o autor intervém de modo autoritário para descrever, e geralmente avaliar, os motivos e disposições de suas personagens (ABRAMS, 1971, p. 21).

7. Artigos retirados da Internet

A referência a estes artigos será incluída na relação de referências bibliográficas. A data de acesso deve sempre ser indicada.

Exemplos:

- Com indicação de autoria:
WALKER, Janice R. *MLA-style citations of electronic sources*. Jan. 1995. Disponível em: <<http://www.cas.usf.edu/enghsh/walker/mia.htm>>. Acesso em: 4 set. 1995.
- Sem indicação de autoria:
PREFACE to representative poetry on-line version 2.0. 1996. Disponível em: <<http://library.utoronto.ca/www/utel/rp/intro.html>>. Acesso em: 17 jan. 1997.

8. Destaques feitos pelo autor

A Editora Mackenzie não utiliza negrito como destaque em suas publicações, devendo esse recurso ser substituído por aspas. O itálico deverá ser utilizado para palavras estrangeiras (inclusive latim).

9. Autorização para publicação

Em folha anexa ao material enviado à revista, o(s) colaborador(es) deve(m) encaminhar uma autorização para publicação do artigo, conforme modelo a seguir:

Autorização para publicação

Título do artigo: _____

Nome(s) do(s) autor(es): _____

O(s) autor(es) do presente trabalho assegura(m) que:

1. Todos os autores mencionados acima participaram do trabalho de maneira a responsabilizar-se publicamente por ele.
2. Todos os autores revisaram a forma final do trabalho e o aprovaram, liberando-o para publicação na *Revista Ciências da Religião – História e Realidade*, após a preparação e revisão da Editora Mackenzie, responsável pela coordenação editorial.
3. Nem este trabalho, nem outro substancialmente semelhante em conteúdo, já foi publicado ou está sendo considerado para publicação em outro periódico, sob minha (nossa) autoria e conhecimento.
4. Este trabalho está sendo submetido à aprovação do Conselho Editorial da *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade* com o conhecimento e a aprovação da instituição e/ou organização de filiação do(s) autor(es).

_____ /_____/_____
Local Data

Assinatura do(s) autor(es)